

HELENA CHAGAS
DESCOMPLICANDO
A POLÍTICA



Jantar-rebelião

Pau que bate em Walfrido bate em Silas – ou então em nenhum dos dois. Se Walfrido dos Mares Guia vai ficar no governo mesmo se for denunciado pelo Ministério Público no caso do valerioduto mineiro, por que Silas Rondeau não pode voltar logo às Minas e Energia? Essa reivindicação foi um dos temas centrais do jantar-rebelião de 12 senadores da bancada do PMDB na terça-feira à noite, na casa do colega Walter Pereira.

Na verdade, os peemedebistas se reuniram para combinar a última facada que darão no governo antes da votação da CPMF na Casa. Afinal, ontem o Planalto e Renan conseguiram finalmente desobstruir a pauta do Senado. Amansada a oposição – e não apenas pelos belos olhos dos governistas – agora chegou a hora de o PMDB querer beber água. Não é justo que apenas os opositores sejam premiados, raciocinam seus dirigentes.

Silas Rondeau de volta às Minas e Energia representa a reabertura da temporada de nomeações no setor elétrico: Eletrobrás, Eletronorte, etc. E põe etcetera nisso. O agravante, para os senadores, é que, no partido, quem ganhou até agora foi a ex-rebelde bancada da Câmara, com a nomeação de Luiz Paulo Conde para Furnas já na fatura da CPMF. Estão enciumadíssimos. Sabem que, em mais algumas semanas, com a emenda votada, o Planalto não vai mais precisar deles.

Não foram convidados para o jantar-rebelião – na crônica social de Brasília, um evento mais comum do que jantar-dançante – os "chapa-branca" do PMDB: Renan Calheiros, José Sarney, Roseana Sarney e Romero Jucá. Mas há quem diga que lançaram mão dos mesmos expedientes usados pela imprensa para saber de tudo o que se passava na sessão secreta do julgamento de Renan e acompanharam tudinho. E talvez até mais do que isso. Nada como uma rebelião peemedebista, ainda que seja jogo de cena, para levar o Planalto a precisar muito daquele que ainda é, hoje, o principal articulador do partido na Casa para pacificar os colegas. Ele mesmo, Renan.

Paz e amor no Senado

Tudo bem entre Renan Calheiros e Aloizio Mercadante, apesar da defesa ostensiva que o petista tem feito da licença do presidente do Senado do cargo. Mas Mercadante negou terminantemente ontem ter patrocinado ou sequer colaborado com qualquer manobra obstrucionista da oposição, que semana passada conseguiu dar um nó no plenário. "É um absurdo dizer que estou fazendo obstrução. Fui líder do governo e sempre lutei para desobstruir a pauta", garantiu.

Com a retomada da normalidade no plenário depois de mais de um mês, Renan, benevolente, adotou o estilo paz e amor. "É preciso entender as dificuldades de cada um. Os grandes partidos estão com problemas...", repete o presidente do Senado toda vez que o nome de Mercadante é mencionado.

Descansa, Ulysses

Reunião da executiva nacional do PMDB. O renanzista Almeida Lima exigindo o comando do partido em Sergipe para continuar na sigla, atacou: "O diretório do PMDB no estado é muito tíbio. Sergipe é o único estado do Brasil onde o PMDB nunca elegeu um governador...". Seu opositor no estado, Jackson Barreto, que não quer perder o comando da legenda, contra-atacou: "Nunca tivemos um governador, mas sempre estivemos no governo", disse, apontando para Michel Temer, Henrique Alves e outros dirigentes peemedebistas: "Igualzinho a vocês aqui, que nunca fizeram um presidente da República e estiveram sempre no governo".

A reunião acabou mesmo mal para Almeida Lima. Além de não ganhar o comando do PMDB sergipano, perdeu a chance de ganhar da cúpula peemedebista a Medalha Ulysses Guimarães, a maior condecoração do partido. Quando a proposta foi levantada por um colega sergipano, o ex-governador Anthony Garotinho pediu vistas e sustou a decisão. Ulysses Guimarães continua descansando em paz.

ROOSEWELT PINHEIRO/AGÊNCIA SENADO



"Decretamos o fim da crise e ela acabou.

Mas a Casa só está pacificada até

a próxima tempestade"

DO SENADOR RENATO CASAGRANDE
(PSB-ES), EX-RELATOR DO CASO RENAN
NO CONSELHO DE ÉTICA.